

como irredutível ao infra-humano e que lhe atribui poder e, ao mesmo tempo, lhe impõe responsabilidades sobre a natureza que é chamado a dominar e limites que não pode ultrapassar.

Em estreita relação com a humana condição de vulnerabilidade e conjugando-a com o cultivo do sentimento de compaixão (quer pelos animais quer pelo próprio ser humano), Paul Valadier enfrenta, num último (quarto) capítulo a tentação e o mito da cultura moderna (com alguns precedentes de relevo em pensadores como Rousseau e Schopenhauer) de uma humanidade «post-mortale», tendente à diluição da tragédia da morte pela dissolução do ser humano no todo do universo ou, mais simplesmente, pelo programático esquecimento da mesma morte.

Para ilustração das essenciais posições sobre os problemas que trata no seu ensaio e em abono da sua própria posição, Valadier, além da sua própria capacidade reflexiva e crítica, socorre-se de ideias colhidas na história filosófica e na revelação bíblica. O seu livro, embora de texto não muito extenso, é denso de pensamento antropológico. E bem oportuno neste tempo cultural em que a criatura humana, não obstante o seu prometeísmo e as suas muitas vaidades, aparece, mais talvez que no passado, como um desconhecido para si mesmo, seja em si mesmo seja na sua relação com a natureza e com a Transcendência.

JORGE COUTINHO

HISTÓRIA / BIOGRAFIA

VALENTE, Gianni, **El profesor Ratzinger. 1946-1977 : los años dedicados al estudio y a la docencia en el recuerdo de sus compañeros y alumnos**, col. «Caminos» 44, San Pablo (www.

sanpablo.es), Madrid, 2011, 255 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-3873-2.

Este livro é isso mesmo que se indica no subtítulo: Ratzinger visto por um bom número de antigos companheiros e alunos. Para traçar o seu perfil espiritual, Gianni Valente procurou contactar essas pessoas e, baseado no testemunho delas, acaba por desenhar, com a possível aproximação à realidade, a figura do antigo professor de Teologia: como era Ratzinger quando estudante e depois como professor, como era a sua atitude quando assistia às aulas, como seguia as lições, de que modo as dava ele posteriormente; como era a sua relação com os companheiros, como vivia a as mais diversas circunstâncias da vida universitária; enfim e sobretudo, como o vêem hoje os seus antigos alunos. Em relevo está, nos testemunhos aqui expressos, a proverbial paciência do ilustre professor que agora é o Papa Bento XVI, paciência que ele considerava como «a forma quotidiana do amor».

O livro abarca os anos de Ratzinger em Freising, Munique, Bona, Münster, Tübinga, Rgensburg / Ratisbona, de novo em Munique e depois, ainda e sempre professor, em Roma e Castelgandolfo.

RAUL AMADO

NASCIMENTO, Aires A., **S. Vicente de Lisboa: lendas, milagres e culto litúrgico (testemunhos latinomedievais)**, Centro de Estudos Clássicos – Faculdade de Letras de Lisboa, Lisboa, 2011, 160 p., 250 x 180, ISBN 978-972-9376-21-4.

O Prof. Aires A. Nascimento revisita no estudo em epígrafe problemática vária em torno da figura de S. Vicente de Lisboa,

das lendas (ou lendas) em que anda envolvida, dos milagres que lhe foram atribuídos e do culto de que tem sido alvo. Fá-lo na continuidade e, ao mesmo tempo, em revisão de outro estudo anterior da sua autoria, *S. Vicente de Lisboa e seus milagres medievais* (1988). Em relação a este, recolhe novos testemunhos, amplia fontes, tenta novas leituras, revê questões. Resulta daí em particular a problematização da génese das lendas e da sua funcionalidade cultural centrada na adoção de S. Vicente como patrono da Cidade por parte do povo de Lisboa e no culto que lhe é prestado na respectiva catedral.

O estudo está dividido em três partes. Na primeira, assumida como Preâmbulo, Aires A. Nascimento faz uma longa apresentação dos múltiplos problemas que se levantam em torno das lendas, dos milagres e do culto daquele santo. Reexamina textos, reequaciona questões, revê mesmo posições anteriormente assumidas por si próprio. Renuncia expressamente à tentativa de descobrir o véu que encobre o núcleo histórico e real desenvolvido em legenda, preferindo «deduzir das formas o seu valor de significação» (p. 9). Procura compreender e ajudar a compreender como heterogeneidade de vozes «numa polifonia de convergência», as diferentes versões da mesma legenda, como é o caso de dois arcebispos da Sé de Lisboa, Mestre Estêvão e Cónego Fernando. Integra a devoção ao Santo como patrono da cidade e o seu culto na narrativa legendária e vice-versa. De modo semelhante, integra em compreensão recíproca legenda e devoção popular quanto ao lugar da sua veneração (Sé lisbonense). A presença das relíquias e seus efeitos performativos é outro objecto do estudo de Aires A. Nascimento, que

estabelece relações interessantes com o processo antigo de entronização dos heróis (p.15). Debruça-se sobre as circunstâncias da chegada das relíquias a Lisboa. E sobre o destino do corpo do santo. E sobre os milagres, tão familiares ao homem medieval. A sua especulação hermenêutica na busca do sentido das coisas é arguta, pluriforme e pertinente. E é mesmo sobretudo labor interpretativo o que ele exerce nesta primeira parte ou Preâmbulo, labor que tem em conta a pluralidade das linguagens em que anda envolvida a narrativa de S. Vicente.

A segunda parte do estudo é, mais propriamente, uma análise crítica da historiografia em torno de S. Vicente e da liturgia em que se configura o seu culto oficial. Levando por título «Introdução» – pois que tem em vista uma leitura compreensiva da terceira parte –, nela dá conta da relação da cidade com o seu patrono e do seu culto na catedral de Lisboa. Estuda as fontes legendárias, os textos e os agentes das narrativas e, uma vez mais, procura desvelar nestas, para além da letra, o seu sentido, ou, como diz, «as significações». Analisa e interpreta o ofício litúrgico de S. Vicente, dando por não confirmadas as suspeitas de rito moçárabe. Aprofunda o estudo do *corpus* dos milagres vicentinos, dos autores das suas lendas, dos manuscritos e edições.

A terceira parte oferece ao leitor estudioso, no original latino e em tradição portuguesa de sua autoria, em páginas paralelas, duas coleções de lendas e milagres: a de Mestre Estêvão e a de um autor anónimo; e ainda o texto da *Passio Vicentii, Sabine et Cristete*, do Passionário Hispânico, e o relato de Fernando, arcebispo de Lisboa.

LUÍS SALGADO